

ANEXO I

ANEXO 1 - DEPOINTEPOS

- 1- Ernesto Silva -telefone| 248 1896
- 2- Ana Maria- FLDP-DESU
- 3 -Inezil Pena Marinho -224 7811
- 4 -Francisco Salles-2428037 / 225 7350-r. 270
- 5- Pompeu de Souza -2425121
- 6-Rubem Azevedo Lima-211 3829 / 225 0728
- 7-Luiz Carlos Pontual- 244-9178
- 8- Mauricio Goldemberg
- 9- Luiz Humberto-242 5731
- 10- Paulo Barbosa de Souza
- 11- Mirinha-224 1640
- 12-André Luiz
- 13-Aracoeli Pinheiro
- 14-Nélida Villadino
- 15-José Carlos Fernandes
- 16-Armando Hildebrand
- 17-Deabry dos Santos
- 18- Antonio Carlos Dias Ferreira
- 19-Padre Roque
- 20-Santa Soyer-242 3977
- 21- Sophia Wainer-243 0188 / 2430525
- 22- Ailema Blanchetti-242 8478
- 23- Valter Mello- 225 6830 r 356
- 24-Lúcia Sarapu-2441815
- 25-Fritz Salles -222 2465 (Belo-Horizonte)
- 26-Geraldo Joffily-225 3626
- 27-Irineu Joffily - 242 2643
- 28- Castojon Branco- 224 6991/223 5098
- 29-Marlene Cabrera
- 30-Amábili
- 31- Darcy Ribeiro (Rio de Janeiro)-255 0797
- 32- Manoel Mendes-226 8180
- 33-Leda Naud-211 3156

- 34-Edna Spindola-243 3882  
35-Lúcia Valentim- 248 1309  
36- Léa Sayão-242 1252  
37-Suzana Cunha  
38Mônica Reis-244 3171  
39- Ézio Pires- 242 8569  
40- Vera Brandt- 225 5458  
41- José Lucena- 223 8612  
42- Peter G. Hein- UFRN  
43- Maria Mello -FEDF  
44- Teodoro- Centro de Traições Populares-Sobradinho e UnB

---

Contatos sem informes, por motivos diversos ("não conhecer, não lembrar, etc)

Armando Faceber-223 3146  
Miriam Generoso-277 1053  
Lourival G. de Souza- 224 6324  
Otto Boulhier da Silveira-CLS 103 (mat. de construção)  
Nair Bicalho 273 3656  
Alberto Peres- CEUB  
Ivone Jean-242 8264  
Romeu Padilha 224 6120 -b ljl  
Evandro Mauro-225 1277  
Edgard Graeff-242 0695  
Terezinha Rosacruz -UnB-FE  
IAB- 223 5903  
José Mauricio-244 0657

DEPOIMENTO DE Nº 01

Foi uma das <sup>principais</sup> pessoas a visitar o sítio onde se instalava Brasília, (1º diretor da NOVACAP e um dos responsáveis pela elaboração do Plano Educacional do DF para o Ensino Elementar e Médio). Em relação à Educação sua posição é considerar fundamental e prioritária a educação integral de todas as crianças e jovens em idade escolar, assistindo-as também do ponto de vista de nutrição, de educação sanitária, etc. Dessa forma, tal como se fez na China, em cerca de 30 anos o problema de analfabetismo deixa de existir como tal.

O adulto deve ser atendido em programas especiais de educação, que inclua ou não alfabetização - mas que o prepare para uma ocupação, informe sobre hábitos de higiene, lhe possibilite conhecer a realidade, etc. garantido isso, o adulto procurará, por sua própria conta, a aprendizagem que lhe permite contar dinheiro, conhecer o ônibus em que viaja, "desenhar" o nome para votar, etc. A alfabetização de adultos deve estar vinculada aos sistemas sócio-político-econômico, pois a alfabetização só se mantém se é funcional, utilizada.

Seu afastamento da área de Educação no DF, decorreu de dificuldades encontradas para efetivação do plano elaborado, principalmente no que se referia a proposta de Conselhos Comunitários que teriam participação na gerência do Sistema Educacional do GDF.

Outro motivo foi sua volta ao Rio de Janeiro, em 1960, onde passou 6 meses, a fim de passar para a reserva do Exército. Não participou das experiências realizadas em 1963 porque voltou-se, após sua volta do Rio de Janeiro, para o exercício da medicina. Considerava que o índice de analfabetos não era grande, em Brasília. (Na NOVACAP, em torno de 20%)

Considera que toda a proposta de Brasília, e não apenas as referentes à área educacional, foram deturpadas. Mas credita ao governo de Castelo Branco a decisão de consolidar Brasília como Capital da República.

DEPOIMENTO Nº 03

Estava na Assessoria do MEC na época, tomou conhecimento mas disse não ter maiores informações. Disse ter trabalhado num outro projeto de alfabetização de adultos nos anos de 58, 59 e 60 entre operários da construção civil. Esses cursos eram dados nos próprios acampamentos de obras; os funcionários e engenheiros das firmas atuavam como professores e as classes funcionavam nos refeitórios das firmas. Chegaram a funcionar 293 classes atingindo cerca de 10.000 alfabetizando.

DEPOIMENTO Nº 02

Diretora da Divisão de Ensino Supletivo da FEDF, radicada em Brasília desde os primeiros anos. Não tem dados sobre a experiência, indicou o contato nº 43 como capaz de prestar informações.

DEPOIMENTO Nº 04

Foi Chefe do Centro Social da Fundação de Serviço Social em Sobradinho, no período de 1962 a 1965.

Informou que ao assumir a chefia do Centro Social, em 1962, e baseando-se em sua experiência com Escolas Radiofônicas no Rio de Janeiro - o Sistema SIRENA, do MEC - resolveu desenvolver experiência similar em Sobradinho.

Fez contando com o trabalho do pessoal do Centro, levantamento inicial sobre "lideranças" existentes, e conseguiu 38 monitores, que foram de casa em casa, levantando o número de analfabetos e sensibilizando para o programa a ser implantado. Segundo o depoente o número de analfabetos encontrados foi muito pequeno, e talvez por este motivo, o interesse pelo curso foi decrescendo, a experiência "desmanchou-se". O depoente afirma não ter conhecimento, "não lembra" de experiências com alfabetização pelo método Paulo Freire realizadas no Centro Social de Sobradinho.

Depoimento nº 05

Jornalista, 1º Diretor do Centro de Extensão Cultural da UnB, não acompanhou de perto a experiência realizada em Brasília, em decorrência do fato de ter que coordenar as múltiplas atividades do Centro de Extensão. Sabe que, durante todo o ano de 1963, grupos de alunos da UnB, inclusive dirigentes estudantis, realizaram várias experiências de educação de adultos, aplicando ou não o método de Paulo Freire. Havia uma grande efervescência política, e os grupos radicalizam, por vezes, suas posições ideológicas. Lembrou os acontecimentos ligados à elaboração de uma "Cartilha do povo" - Um dirigente estudantil, durante as férias de janeiro e fevereiro, utilizando-se de equipamentos da UnB, à revelia dos seus diretores, elaborou a seu modo a chamada "Cartilha do povo", para fins de alfabetização de adultos. O conteúdo da cartilha era "panfletário", inclusive com erros de português. Isso foi muito explorado pela oposição ao Governo, incluindo jornais do Rio e São Paulo. O deputado Abel Rafael fez, em discurso na Câmara, uma denuncia (ver anexos 9 e 10) em vista do que o depoente escreveu uma carta-resposta, que foi lida em plenário pelo líder Oliveira Brito.

DEPOIMENTO Nº 06

Jornalista político, radicado aqui desde o início de Brasília dirigente estudantil em 1963. Lembrou-se da experiência. Relatou o caso da "Primeira Cartilha do Povo", fornecendo inclusive o nome do seu autor. Relatou que, após abril de 1964, foi aberto inquérito militar sobre a ocorrência. O coronel que presidiu o inquérito, após ouvir vários dirigentes estudantis, inclusive o depoente, decidiu considerar que o autor de Cartilha era "mentalmente perturbado", encerrando o inquérito. Indicou a depoente n.º 32



Vim para Brasília em 1961, acompanhando Paulo de Tarso que havia sido nomeado Prefeito da NOVACAP. Nesta época eramos ligados ao Partido Democrata Cristão (PDC) e pretendíamos também fazer um trabalho junto a Igreja.

O movimento de sindicalização em todo o Brasil era muito grande. Conosco veio também o Geraldo Campos que foi presidente da Associação dos servidores da NOVACAP.

A UnB não fazia parte dos planos de Brasília. Darci Ribeiro chegou também em 1961 e era o primeiro homem do INEP. Conseguiu empolgar Paulo de Tarso com um plano de criação da Universidade Nacional de Brasília. Janio assinou o decreto e deu verba para a construção da UnB. Funcionou inicialmente no 2º andar do MEC e sua construção foi apressada (o caso da laje ainda molhada que caiu e matou 2 candangos, dando nome hoje ao Auditório Dois Candangos).

Darci passa a ser Reitor da UnB e tem como vice-reitor o Frei Mateus que criou o Instituto de Teologia cuja fundamentação era estudar Deus, seja lá que Deus fosse.

Estávamos todos envolvidos com a construção de Brasília e havia muita coragem, muito compromisso. Agente discutia e executava o que era preciso.

Quando Jango tomou posse, lotou Darci na Chefia da Casa Civil, Anísio Teixeira na UnB e Paulo de Tarso no MEC.

Tinha-se planos de uma alfabetização a nível nacional. Como já se conhecia o método Paulo Freire com experiência em Recife e Angicos, se convidou Paulo Freire para presidir a Comissão Nacional do Movimento de Alfabetização.

André Reis foi o convidado a administrar o Sistema Paulo Freire em Brasília.

Fui da primeira turma da UnB e presidente da FEUB (Federação dos Estudantes Universitários do Brasil), como presidente fiz parte do C.G.C. (que era composto de mais cinco membros entre os quais o Presidente do Sindicato da Construção Civil e o Presidente do Comando dos Trabalhadores Agrários.

A experiência que tive com o Método propriamente dito foi pequena. O contato com o método se deu como consequência da atividade política partidária que desenvolvia. Não cheguei a fazer um Círculo Completo, fiz algumas palavras e me lembro de TIJOLO, VOTO, POBREZA. Eram ao todo 10 palavras.

Na verdade as palavras eram um sub-produto. O que estava realmente eram as discussões políticas. Lembro que sobre a palavra SOBRADINHO surgiu uma discussão sobre satélite, quando uma das pes

soas do grupo falou: - "Nós somos satélites, ficamos em volta, não somos importante, não temos direitos iguais as pessoas do Plano Piloto". Depois da discussão ele conclui: "Quer dizer que todos somos gente, todos temos os mesmos direitos", foi de arrepiar. Nós, estudantes, tivemos muita penetração na comunidade. Era um trabalho político, partidário. Aos sábados e domingos fazíamos reuniões, formavamos associações. Mas tudo deu errado. O Método de Paulo Freire é um instrumento político. O Paulo Freire de nada tinha conhecimento, estas coisas ocorrerem nos bastidores.

Acho que a implantação nacional do método, embora tenha durado 3 a 4 meses, foi tão forte que juntamente com os conflitos agrários, as Ligas Camponesas, foram os responsáveis pela derrocada. Digo no entanto que embora o Método possibilite uma maior conscientização isto não faz muita diferença. O importante são os objetivos de quem aplica. O Método Paulo Freire também pode ser aplicado friamente. Sobre a Cartilha do Povo, ela foi apreendida mesmo e com toda ração. Foi um instrumento provocador da CIA. A cartilha era mal feita, cheia de erros. Embora o número de exemplares tenha sido pequeno provocou uma repercussão nacional.

Mais informações sobre isto pode ser encontrado nas CPIs da Câmara. Abel Rafael por exemplo foi um que se posicionou contra as Cartilhas.

DEPOIMENTO Nº 08.

Participou como supervisor da Comissão Regional de Cultura Popular e Chefe do Departamento de mobilização de Cultura Popular, acumulando as 2 funções.

Lembra-se que havia perto de 21 círculos de cultura em Sobradinho. Embora tenha visitado outros círculos, participou mais intensamente das atividades em Sobradinho.

Feita uma experiência para que um círculo funcionasse com o dobro de pessoas, já que a procura excedera a oferta. Apesar dos receios manifestados pelo próprio PF, o resultado foi excelente.

O custo operacional dos círculos era baratíssimo. O material empregado era muito simples, resumindo-se quase que exclusivamente no uso de projetor que podia funcionar mesmo a bateria. Os projetores eram de simples manejo e foram adquiridos, a preço simbólico, da Polônia, os filmes (strip-film) eram feitos pelo INC - Instituto Nacional de Cinema.

Pouco antes do movimento militar de 1964, foram feitos contatos com Lauro de Oliveira Lima, então Diretor do Ensino Secundário do MEC, para implantação do método PF ao ensino secundário.

O pessoal da Campanha era transportado por kombi para o recrutamento dos alfabetizandos. Esse era feito por serviço de alto-falante em que se dizia:

"Povo analfabeto é povo escravo. Matricule-se no Círculo de Cultura mais próximo. Aprenda a ler e a escrever"

O método alfabetizava mesmo. Não era blá-blá-blá como é o MOBREAL que não alfabetiza (o informante foi coordenador adjunto do MOBREAL estadual) em 1973.

O sistema PF tinha por objetivo conscientizar. Conscientização ligada à politização no sentido de esclarecer as pessoas nos seus direitos. Os alunos é que faziam conclusões. O coordenador jamais formulava juízo a respeito das questões que eram colocadas pelo grupo. Por isso, não havia possibilidade de haver dogmatismo, a não ser se se tratasse de um coordenador radical, mas isso ele não se lembra de ter ocorrido em Brasília. Nunca chegou a seu conhecimento notícia a esse respeito.

Por outro lado, o pessoal alfabetizando era extre

mamente dócil, chegava ao círculo com entusiasmo e o relacionamento era de muito amor. Demonstravam muito amor pelo que estavam fazendo. Por isso inexistia evasão. Ninguém abandonava o curso.

A disposição dos alunos levava à emoção. As pessoas eram envolvidas por idealismo, por amor à causa mais do que pela pessoa de PF. Apesar de ganharem muito pouco (os salários dos coordenadores e demais participantes ~~pra~~ muito baixo), sentiam-se recompensados com o entusiasmo e a disposição com que os "alunos" compareciam às reuniões. Para os alunos, a escola era lazer, o que levava a um altíssimo grau de motivação. Era um trabalho espetacular e nunca viu nada em sua vida, que se comparasse à experiência de PF. Foi a coisa mais extraordinária da qual já participou.

Quanto a dizer que havia intenção de propagar o comunismo no Brasil, o informante nega que isso tenha existido: "PF era um carola ! não saía da Igreja, freqüentando a missa com assiduidade". Não acredita que PF pudesse ter idéias materialistas e, por isso, a campanha nunca poderia ter tido objetivo de comunização. Conscientização e politização sim, pois era o que o método pretendia, mas não implantação de ideologia comunista.

Nas visitas aos Círculos nunca percebeu qualquer tendenciosidade ou agressividade. Via sim, e muito claramente, docilidade e amor.

Nunca soube de qualquer manifestação de violência. Muitas vezes os pais levavam crianças, tendo havido casos de crianças serem alfabetizadas (8, 10 ou 12 anos).

Clientela excessivamente dócil, humilde e interessada. Quem diz o contrário, certamente não entendeu o alcance da campanha.

A Campanha também colaborou na distribuição de leite para os pobres vindo dos Estados Unidos através do Ponto IV, sob a orientação do Serviço Social. Elementos da Campanha participaram como voluntários. Havia um forte conteúdo emocional envolvendo os integrantes da Campanha, que participavam de todas as campanhas sociais em benefício das populações pobres, independentemente de obrigatoriedade de trabalho. Trabalhavam à noite, em horários vagos, sábados, domingos, sempre que houvesse possibilidade. Desenvolviam também atividades de lazer, com apresentação de peças teatrais (marionetes e fantoches) e festejos folclóricos.

O método é o mais válido possível, tendo o mais baixo custo operacional (bem inferior ao do MOBRAL).

Se ele fosse Ministro da Educação implantaria o sistema a todos os níveis escolares. Foi a experiência mais extraordinária que já viu, no campo da educação, de 1963 a 1980.

Nunca sofreu nenhuma represália por ter participado da experiência, nem tampouco foi chamado a prestar qualquer depoimento a respeito do assunto. Também nunca participou nem presenciou qualquer tentativa de radicalismo na Campanha.

Conheceu Expedito, mas não se lembra da "Cartilha do Povo". Expedito era muito exaltado e radical de esquerda. Só participou da experiência no início e como era muito exaltado, entrou em atrito com PF que o afastou.

DEPOIMENTO Nº 9 -arquiteto,acompanhou a construção da cidade mas não teve maiores vinculações com operários."Ouviu falar" da experiência,em 1963,mas não tem maiores informações.Considera que os anos iniciais de 60 foram de crise para Brasília,e que se deturpou muito o projeto inicial da cidade.Houve proposta de volta da Capital para o Rio de Janeiro,inclusive em reunião no Estado Maior do Exército,após abril de 1964,se cogitou do aproveitamento de Brasília como "uma espécie de Las Vegas", ou cidade para o jogo,quando a Capital retornasse ao Rio de Janeiro.Indicou a depoente nº 24 como capaz de dar informações de interesse

DEPOIMENTO Nº 10

Secretário de Educação do DF não queria a implantação do método PF no DF, chegando a comparecer ao Gabinete do Ministro Paulo de Tarso para manifestar sua recusa.

Como a SEC rejeitou a proposta para o PF, levando a decisão ao Ministro, onde se encontrou o PF. Resultado: foi designado um Coordenador para o DF.

Pelo que sabe, o método é válido, mas foi explorado ideologicamente, o que, na sua opinião, é negativo. Método tem ideologia comunista, pregando a luta de classe e revolta. A comunidade tem o direito de decidir se quer ser alfabetizada.

O método pretendia preparar um verdadeiro exército de contestadores.

O universo vocabular foi tendencioso. As palavras utilizadas saíram de cabeça de PF e não eram significativas no universo vocabular de Brasília. Exemplo: a palavra voto. Em Brasília não havia eleições. A palavra foi jogada para tumultuar.

## DEPOIMENTO Nº 11-

"Eram de 8 a 10 círculos de cultura, e funcionavam em locais cedidos pela própria comunidade, em salões de igrejas, escolas, lojas, etc. Funcionavam à noite, de 2ª a 6ª feira, em média com 20 a 25 participantes. A idade variava de 18 a 20 anos até pessoas com mais de 60 anos. O tempo dos primeiros círculos variou de 1 mês a 1 mês e meio. Já estávamos com novos grupos quando a experiência foi interrompida.

O que mais impressionava na experiência era sentir que naquele curto tempo o grupo conseguia ler e escrever, e ainda, o que era mais importante, através do método chegar a um espírito crítico muito acentuado. A gente sentia que a técnica do diálogo, que era fundamental, funcionava não só na aprendizagem, mas na conscientização. Era uma coisa muito bonita sentir o que vinha do grupo e que a gente, através das fichas conseguia uma espontaneidade, havia colocações de cada um, surgiam conclusões da discussão, era um trabalho de grupo. As pessoas não estavam ali sózinhas, aprendiam a conviver e tenho certeza que partindo para uma outra visão das coisas. Então nos encontros o coordenador, dinamizador, não chegava a dar respostas para o grupo. Ele levantava questões, naturalmente que a própria ficha, a palavra, o desenho, sugeria muita coisa e vinha a discussão muito rica, onde a gente sentia que apesar de estar lidando com um grupo de analfabetos tinham muita experiência de vida, sendo alguns muito acomodados. Outros já com outra visão das coisas, e a troca era muito importante. Não era imposto, não era levar o recado para eles, não era chegar com fórmulas prontas e sim cada um pensar com sua própria cabeça e a utilizar a cabeça de forma mais efetiva. Senti também que havia muito envolvimento, desde a escolha das palavras, não tinha nada pré-fabricado. A escolha das palavras era feita bem antes da gente trabalhar, nós não participávamos. As palavras eram tiradas do vocabulário de cada comunidade e a partir de uma pesquisa de campo, com contatos, entrevistas. A partir do vocabulário estas palavras eram escolhidas não só por causa da carga emotiva mas também como "palavra chave" que serviria para a parte de leitura e escrita - servia para o diálogo e também as sílabas para o estudo dos diversos fonemas.

Não tive contato com mais ninguém depois de interrompida a experiência, Agora, pelos resultados que a gente via, nós diríamos perfeitamente que aquela pessoa aprendeu a ler, escrever, e passava a ler jornais. Porque também pelo próprio método toda parte de palavras que eram descobertas por eles eram mimeografadas com letra de imprensa, tinham como dever de casa trazer recortes de jornais, formar palavras em casa, lidar com letra de imprensa.

O método, mesmo que se diga que tem ou não tem conotação política, eu acredito que as pessoas se tornaram mais conscientes, naturalmente passaram a ter atitude nova diante de seu ambiente, das suas necessidades e limitações. O enfoque não era só regional, nas discussões ela tomava conhecimento das diferenças de ordem social, política, etc. A partir de suas necessidades mínimas de alimentação, moradia, sobrevivência, eles se colocavam diante das coisas, questionavam; no momento em que se sentiam "equipados" se tornavam mais ativos, mais politizado?

Tenho Paulo Freire como um ser humano incrível. Do método dele ter sido pensado de uma forma e executado de outra eu não sei dizer até que ponto isto é verdadeiro. Não houve nada subversivo nos círculos de que participei. Se o fato de conscientizar pessoas, leva-las a se descobrir, tomarem conhecimento de problemas, terem outra visão mais real diante da vida - se isto é subversão, então é subversivo.

Nunca senti tanto amor como quando trabalhava no sistema. Amor de que era animador, participante, o próprio criador do sistema. A maior preocupação dele era o ser humano. Só senti coisas positivas

Na época houve divulgação do trabalho, acho que através de jornal. Haveria uma seleção, uma prova de conhecimentos, Fiz uma prova escrita. Tive orientação do método por pessoas ligadas ao MEC. Foi a 1ª experiência de alfabetização, havia uma pequena remuneração. Se o método serve ou não para sedimentar um período pós-revolucionário, como no caso da Guiné-Bissau, ou se ele só teria sentido num período de transição, pré-revolucionário - esta é uma questão que eu não consigo entender.

O dirigismo poderia acontecer, não pela equipe técnica, mas pelo animador. O material usado era exclusivamente didático.



## DEPOIMENTO Nº 12

Participou da Campanha como Secretário Executivo da Comissão Regional, fornecendo os meios para que o sistema funcionasse.

A Campanha usou pessoas de pouca instrução e que pertenciam ao ambiente e estavam familiarizados com o grupo que ia ser alfabetizado. Os grupos eram constituídos de gente simples e humilde.

Na aplicação de recursos, no DF, não houve abusos, tendo sido a campanha diretamente conduzida pelo MEC. Isto pode ser comprovado através da prestação de contas feita após o movimento militar de 1964 (anexo 11). Todos os gastos efetuados têm comprovantes e foram feitos no estrito cumprimento das propostas. Se houve deturpação na aplicação de recursos em outras Unidades da Federação ela não saberia dizer e acredita ser isso de difícil constatação.

Paulo Freire recebeu muito apoio do então Ministro da Educação e trouxe uma equipe de pernambuco para treinar o pessoal de Brasília, onde seria implantado um trabalho piloto.

Lembra-se vagamente da tentativa de implantação de uma cartilha de alfabetização ("A cartilha do povo"), mas isso não teve repercussão em Brasília.

A pesquisa vocabular era constituída de perguntas sobre o cotidiano. Lembra-se de uma pergunta em que se procurava saber o que o povo pensava do presidente da república. Um homem que trabalhava no Hospital Distrital pensou e respondeu: "minha senhora, eu tenho muita pena dele. O que eu sei é que ele deve ser o sujeito mais mal informado que existe, mal sai de casa, um burguês, dizem um monte de mentiras para ele, ele vai trabalhar e lá outros dizem mais mentiras. Vai viajar, entra no avião, e lá dizem mais mentiras..." Um outro entrevistado disse que o presidente andava na garupa do cavalo mas não manobrava...

A esposa do informante trabalhou como voluntária para a pesquisa vocabular, tendo apreciado os questionários do HDB. O questionário foi montado pelo PF e sua equipe, com situações cotidianas. O questionário indagava como as pessoas viviam e daí se tiravam as palavras.

A equipe relacionava as palavras mais repetidas, que eram colocadas em escala. A escolha era feita com base nas repetições e de

acôrdo com a sequênciã de fonemas da língua portuguesa. A 2ª aula de alfabetizaçãõ era o climax do método, pois era nela que o aluno descobria que a palavra é formada de fonemas.

A educaçãõ ãeva à pôlitizaçãõ. O educador deve levar a pessoa à participaçãõ. A intençãõ era tornar o alfabetizado ser humano, a pessoa era conscientizada de sua papel a cumprir como pessoa. Se isto vem balançar previlégios, então entende-se porque muitas pessoas são contra o método. Se houve mau uso do método, isso não é responsabilidade de PF. Não havia intençãõ política declamada. Sempre há pessoas que são a favor ou contra, não se pode evitar que as pessoas dê torçam as coisas.

O método se baseava na teoria do conhecimento. A partir de nome dos objetos que participavam intimamente do universo das pessoas, chegava-se aos fonemas.

Cada objeto é reconhecido por representação. Por exemplo, uma caixinha. Uma pessoa olha e associa o objeto à palavra. O analfabeto identifica a imagem do objeto e o som. O alfabetizado vai além, associa à palavra. Para a alfabetizaçãõ partia-se do objeto e tentava-se chegar ao som, isto é, aos fonemas. As pessoas participantes dos círculos de cultura tinham entusiasmo e consciênciã de si como pessoa, transformando-se em indivíduo participante.

A frase mais característica de PF naquela época era "o homem deixar de ser objeto para ser sujeito". A maior parte da populaçãõ brasileira é como boi, tem que se preocupar com o que vai comer hoje. Tem até a frase: "fulano é muito ocupado então tem tempo de ganhar dinheiro".

Não houve tempo para ver os resultados. Nos círculos de cultura eram usados projetores que vieram da Polônia, porque baratíssimos - não foi doaçãõ, houve concorrência ou licitaçãõ. A lei nº 200, que hoje regulariza isso, é pós-64. O projetor podia ser usado com corrente elétrica ou bateria. Após o movimento de 64 muitos projetores desapareceram - as pessoas ligadas aos círculos, apavoradas com o clima de terror implantado no país, enterraram os projetores.

Nunca foi chamado para depoimento - exceto o interrogatório sobre o desaparecimento de projetores. Guardou todo o material sobre prestaçãõ de contas, mais tarde ocupou cargo públicos sem restriçãõ.

DEPOIMENTO Nº 13

Em 1963 houve um chamado, por edital, para candidatos a coordenador de círculos de cultura. Os candidatos foram selecionados através de avaliação de capacidade.

A entrevistada foi classificada e começou a fazer o treinamento, visando à supervisão da campanha de alfabetização no Estado do Pará.

Durante o treinamento, no entanto, houve tentativa de expulsão natural dos candidatos que não tinham os mesmos ideais políticos dos dirigentes da campanha e a entrevistada, como não os tinha, foi dispensada.

Matriculou-se, então, como monitora e questionava muito e foi descobrindo que havia intenção política na campanha. Como ela era contra e manifestava abertamente seu ponto de vista, recebeu telefonemas ameaçadores, o que, aliás, também ocorreu com outros participantes também contrários a campanha como instrumento político.

Participou de reuniões em que os animadores, vindos dos primeiros contatos com os círculos, muito entusiasmados contavam que a campanha estava indo muito bem, pois o povo estava disposto a não se submeter mais. Num grupo, o animador relatava, satisfeitos, que após a primeira reunião, os treinandos já estavam dispostos a invadir o plano piloto, armados de paus e pedras, e fechar o Congresso Nacional.

Durante as reuniões, havia pessoas que, disfarçadamente, faziam anotações quando alguém gerava discussões contrárias a filosofia ideológica. A entrevistada soube, mais tarde, que esse pessoal era treinado pela facção política de linha de Pequim e que tinha como função denunciar todos aqueles que não estavam de acordo com o diretivismo político de campanha, como ela não se intimidou e continuou participando dos grupos, se chegaram a puxar faca para amedrontá-la.

Certa vez, um prefeito de uma cidade de seu Estado veio à Brasília na esperança de conseguir que o método de alfabetização PF fosse implantado no seu município. A entrevistada levou-o a um dos círculos de cultura e o prefeito saiu muito "assustado" ao constatar que se tratava de uma campanha de violência e disseminação de ódio.

Chegou a fazer uma proposta de palavras geradoras para

o seu Estado, mas como as palavras escolhidas fossem neutras, do ponto de vista político, embora usando apenas 14 palavras, foi rejeitada. Isso comprova que a seleção vocabular era dirigida.

DEPOIMENTO Nº14 - A Comissão Nacional de Cultura Popular era ligada diretamente ao Ministro da Educação e Cultura. O ministro Paulo de Tarso resolveu experimentar o método Paulo Freire em Brasília e era diferente do que foi aplicado em Angicos e Recife. Foi uma experiência piloto que durou pouco tempo. Os cursos para os coordenadores foram dados na UnB, mas não sei que vinculação havia. O método aqui foi diferente porque tinham dois tipos de coordenadores, ou eram universitários ou eram pessoas de nível de escolaridade baixo. Em Taguatinga quem atuou foi o pessoal de pouca escolaridade. O grupo de estudantes falhou muito, porque eram muito ausentes. Essas ausências eram cobertas pelo coordenador do círculo de cultura da cidade satélite.

O grupo que funcionava em Brasília era formado por Paulo F. Aurenice e Jomard. Estes últimos eram técnicos vindos do Recife, que trabalhavam no treinamento dos coordenadores de círculos. No treinamento era utilizado o método Sócrático, de questionamento. Aqui em Brasília foram poucos os grupos que chegaram até o fim. No levantamento do universo vocabular se levou em conta o nº de vezes que a palavra aparecia e o atendimento das necessidades gramaticais. "Sobradinho", por ex., foi escolhida porque iniciava com S e pelo fonema inho. Título possibilitava formar muitas palavras. Convivi pessoalmente com Paulo Freire. Ele era católico, apostólico, romano. De comungar todos os dias. O método dele é global passando para o analítico sintético dentro de um outro contexto - conscientização. Nada era previsto. As várias conotações dadas na aplicação do método dependia de quem o aplicava. Havia círculos de cultura que funcionavam à luz de lampião, em igrejas, galpões, escolas. O programa como um todo não chegou a se desenvolver, embora alguns círculos tenham tido continuidade após a revolução. Hoje, o Mobral é o método PF mascarado, onde a parte de conscientização não é levada em conta. O método PF é diferente

DEPOIMENTO Nº 15

Participou da Campanha como assessor de imprensa do MEC e da Presidência da República. Acompanhou a campanha com objetivos de fornecer dados para divulgação aos órgãos da imprensa. Teve oportunidade de acompanhar PF em algumas atividades fora de Brasília, como Recife e S. Paulo. Em SP fez uma palestra para estudantes na Escola Paulista de Medicina. Na época, era tal o entusiasmo pelas idéias de PF que, não obstante o atraso - a palestra estava marcada para as 11hs. e PF só chegou após as 14 hs - o auditório permaneceu lotado.

O acompanhamento do trabalho de PF era eventual e com objetivos de permitir o acesso da imprensa às informações, para não haver distorções. Esse cuidado foi tomado porque havia, não se sabe se deliberadamente ou não, o propósito de interpretar a estratégia de alfabetização como demagógica e comunizante, por parte de setores da imprensa (salvo engano, esses setores eram "O Globo" e o "Estado de SP"), que adotaram uma linha quase que sistemática de desmoralização da Campanha. Paralelamente sentia-se, por parte de alguns governos estaduais, manobras destinadas a dificultar a Campanha. Daí poder-se estabelecer certo vínculo malicioso entre as distorções de órgãos da imprensa e manobras de sabotagem de governos estaduais com as ações políticas então em curso e que resultaram no movimento de 64.

Não chegou a participar da intimidade dos setores dirigentes mas pelo acesso que teve às pessoas e às informações não sentiu nenhuma vinculação política. O que havia realmente era o propósito de utilizar a circunstância e os símbolos mais vivos do público alvo (clientela alfabetizanda) para melhor motivação e melhores resultados nesta trabalho. Não dispõe de dados quantitativos, mas se lembra, e bem, de que, em algumas viagens em companhia de PF, pôde assistir a cenas realmente sensibilizantes:

- nos bairros de Recife, à noite, e muitas vezes à luz de candeeiros, PF chegava de surpresa aos círculos de cultura, instalados por vezes em residências de pessoas da comunidade, e procurava diretamente aferir o estágio de alfabetização dos adultos. Não se lembra de resultados frustrantes em nenhuma dessas aferições, o que mostra que o método estava surtindo efeito.

Quanto aos gastos, a Campanha importou certo nº de projetores da Polônia que tinham a singularidade de ser extremamente simples (a preocupação de PF era usar instrumental simples). A idéia era dotar cada círculo de cultura de um projetor, Apesar da simplicidade e do baixo custo desses projetores, após o movimento de 64 eles foram apreendidos como material subversivo.

A Campanha falava a linguagem própria dos alfabetizandos. Usava palavras simples e valores inerentes ao seu meio. Muitas pessoas por serem estranhas a êsse universo, interpretavam esses símbolos como luta de classe.

Sobre a pesquisa vocabular, considera as palavras muito significativas. Tijolo, por ex., tem significado e valor especial para o homem da construção civil, e quase sempre analfabeto. A Campanha desencadeou uma polarização política muito grande, exatamente em função da peculiaridade do método de trabalho, A preocupação em utilizar palavras que refletissem o universo no qual estava mergulhado o trabalhador era interpretado como uma linha divisória a estabelecer não apenas limites, mas até mesmo a suscitar interesses antagônicos de classe.

Essa dualidade, essa polarização, reflete mais uma postura politicamente apaixonada e uma visão pedagógicamente distorcida do que uma apreciação objetiva dos trabalhos realizados no setor.

O informante foi envolvido em IPM - um pelo Gabinete Civil da Presidência da República e outro pelo Gabinete do Ministro. Como resultado, passou a integrar o index da segurança e informação, ficando prejudicado quanto à progressão funcional.

O grande valor do método estava exatamente na autenticidade dos símbolos e valores utilizados, todos eles pp do meio em que se atuava. Acredita na eficácia do método, tanto hoje como ontem, em função de sua simplicidade. Se aplicado hoje, teria que se alterar alguma coisa, em função das transformações sociais ocorridas de lá para cá. Mas crê que tanto a filosofia como a técnica de alfabetização de PF continuam plenamente válidas.

## DEPOIMENTO Nº 16

Dirigente do MEC à época de PF. Não teve participação direta no trabalho desenvolvido nos círculos de cultura, mas conhecia bem PF e teve oportunidade de participar de reuniões no MEC em que se tratou da implantação do método.

Na sua opinião, o método representou realmente uma experiência educacional válida, não porque inviasse o processo de alfabetização pp dito, mas porque mudou a forma de abordagem, introduzindo um conteúdo motivacional muito forte na aprendizagem.

Segundo seu depoimento, chegou a haver gestos, na época, para que a nova forma de abordagem fôsse estendida a outros níveis e modalidades de ensino, tal eram os índices de aproveitamento que estavam sendo alcançados nas experiências com alfabetização de adultos.

Esse alargamento da proposta inicial seria, inclusive, uma forma de difundir as idéias de PF em Brasília, já que o nº de anal-fabetos aqui era reduzido demais para comportar uma ação abrangente como a que estava sendo desenvolvida pelo MEC.

---

## DEPOIMENTO Nº 17

Acompanhou, como fotógrafo, a implantação do método PF em Brasília. Acompanhou o Ministro da Educação na visita ao círculo de cultura de Sobradinho, quando estava presente PF e assessores do Ministro (ver anexol2).

O círculo contava com 30 a 40 participantes e todos do "mais baixo nível de pobreza". As instalações eram em barracão, mobiliário simples e rústico, péssima iluminação, chão de terra. Ao chegar a sessão já estava sendo desenvolvida, com projeção de diafilme e uma monitora. Os participantes estavam realmente satisfeitos com o aprendizado, havia vibração muito grande entre os participantes. Nas fotos pode-se ver o fato de que os pais iam para a escola levando filhos. Não houve preparação, o pp fotógrafo procurou saber se a presença das crianças era por causa da visita do ministro, pôde constatar que era o interesse grande que fazia os pais irem até levando os filhos.

O que pôde perceber é que poderia haver crescimento muito grande

dos participantes .Estavam muito preocupados com o "depois",Tinham certeza que iam conseguir melhores condições de vida. Tem impressão que 90% dos participantes ficaram até o fim,tal o interesse demonstrado..

A experiência tinha um sentido claramentee politico,mas não sabia se era pp do método ou se era acrescentado ou orientado pela monitora.Essa intenção o chocou,porque ele condena as idéias comunistas que dominavam na época.Os círculos seriam o início de mudança de comportamento,despertando no individuo as idéias comunistas.Achou negativa a forma como estava sendo usado o método,pois iriam conseguir o objetivo de implantar um novo regime,se esse fôsse o objetivo.

Nasua opinião,o método PF seria a melhor forma de alfabetizar adultos.Comparando com o SIRENA,o método de PF é muitissimo melhor. Na sua opinião é tão bom e versátil que pode ser conduzido em qq direção (comunista,capitalista).

---

#### DEPOIMENTO Nº183

Secretario Executivo Nacional da Campanha e chefe do Gabinete do Ministro,na época.

O mérito maior do método PF estava em que não só alfabetizava como também dava consciëntização social às pessoas,integrando-as na sua comunidade,já que a participação era fundamental.Cada alfabetizando que participava dos grupos se transformava num elemento integrado e interessado na sua comunidade.

O informante tb participou de debates,o resultado era extraordinário,havendo uma verdadeira ressurreição das pessoas. Essas, que se julgavam marginalizadas,quando nos círculos traziam contribuições preciosas,numa verdadeira manifestação da existência da cultura popular,As contribuições provavam que o analfabeto não é inculto e tem conhecimento dos problemas que o cercam.

Pode ser que tenha havião vinculaçõ politica do movimento com o PC,mas isso não era visível,sobretudo em Brasília.Havia,sim, forte preocupação com as reformas de base ,o que,aliás,era a tônica



política da época, mas sem conotação com ideologias estranhas.

O método continua válido e agora enriquecido com as experiências realizadas no Chile, onde teve oportunidade de constatar pessoalmente sua aplicação, e na Guiné-Bissau.

---

DEPOIMENTO Nº 19

Disse ter conhecido pessoalmente PF, que acha uma pessoa muito inteligente, muito jeitosa para falar. Disse que tomou conhecimento da experiência na época, que quiseram usar sua Igreja (foi 1º padre do Núcleo Bandeirante). Para isto, chegaram com projetores e tudo o mais, mas ela não quis. Havia assistido uma palestra de PF sobre alfabetização, mas achou muito perigoso "aquilo de ficar falando com o povo sobre tijolo, picareta, aquelas coisas, parecia coisa de comunista." Acha ser possível localizar alguém que tenha participado como "aluno" da experiência, e prometeu anunciar isso na missa de domingo. Repetiu muitas vezes que achava muito perigoso "aquilo". Que depois da revolução vieram perguntar a ela sobre as classes mas que ele disse que não teve aquilo lá não. Só tinha classes de alfabetização dos salesianos, Mas que não desmerece o trabalho. Citou s. Paulo: - "veja tudo e retende o que é bom." Tinha algo de bom, acha mesmo que PF foi um herói.

Gostaria de afirmar que o método era de uma eficiência incontestável, que os alunos realmente aprendiam a ler.

---

DEPOIMENTO Nº 20

Professora da SEC-DF, na época, informou que a Secretaria não participou oficialmente da experiência - apenas algumas Diretoras de Escolas cederam salas de aula para os círculos de cultura. Indicou a depoente nº 34 como autora de um estudo sobre o ensino primário no DF que talvez contivesse informações. Indicou ainda a depoente nº 43, que pelo cargo que ocupava, deveria possuir informações,

---

DEPOIMENTO Nº 21

jornalista, radicada em Brasília desde os primeiros anos. Ficou de telefonar, caso "recordasse" algo importante da experiência, o que não aconteceu. Trabalha na SEC-FC.

---

DEPOIMENTO Nº 22-

radicada em Brasília há muitos anos, vinculada à área de Educação artística. Lembra da realização da experiência, mas não teve maiores informações a dar. Sugeriu a depoente nº 35.

---

DEPOIMENTO Nº 23

funcionário do GDF desde o início de Brasília, vinculado com o levantamento do patrimônio histórico da cidade. Não lembra de maiores dados sobre a experiência, ficou de telefonar caso "descobrisse" algo de interesse, o que não ocorreu.

---

DEPOIMENTO Nº 24

está em Brasília há menos de um ano, mas trabalhou em S. Tomé, na África, em experiências de alfabetização. Considera que PF é mais um filósofo que um pedagogo, com um posicionamento eminentemente cristão diante do Homem. Considera que seu sistema de educação tem importância nos períodos pré-revolucionários, porque "desperta" o sujeito. Mas que, após esse período, nada fica da experiência.

---

DEPOIMENTO Nº 25

ex-secretário do Centro de Extensão Cultural da UnB, atualmente residindo em Belo-Horizonte. Por telefone, informou não se lembrar bem da experiência, Tentaria encontrar algum material sobre a época, em caminhando-o ao grupo (nada se recebeu). Indicou o nome de um ex-aluno da UnB (depoente nº 7)

---

## DEPOIMENTO Nº 26

Juiz eleitoral da primeira eleição realizada em Brasília , autor de livro sobre a cidade. Não participou da experiência de aplicação do método de PF. Considera que a alfabetização de adultos funciona se ligada às formas de vida—ou seja, se o operário trabalha, participa da vida, ele recebe diversos estímulos: contar dinheiro, nome dos ônibus, anúncios, etc, que lhe possibilitam "virar-se" dentro da cidade. Além disso é necessário definir o que é o analfabeto. Por exemplo, para as eleições realizadas aqui em 1960, aqueles que sabiam "desenhar" o nome podiam receber o título de eleitor. É a favor do voto do analfabeto, porque considera que ninguém pode ser aliado de participação política na vida nacional. Para as eleições do 1960 foram registrados cerca de 40 000 eleitores, numa população que girava em torno de 60 000 habitantes (havia muita flutuação). Outro problema para alfabetizar o adulto, no seu entender, é que uma pessoa que, como no caso de Brasília, trabalhava até 14 hs por dia (ou gasta este tempo, em outras cidades, para cumprir jornada normal de trabalho e ir e voltar para casa, geralmente na periferia das cidades), não tem condições físicas para "aguentar" frequentar classes de alfabetização.

## DEPOIMENTO Nº 27

Procurador e Diretor de Acampamento do IPASE, responsável pela contratação de pessoal. Não conheceu a experiência, mas "ouviu falar", Não tem dados sobre índices de alfabetização, na época; considera que realizar experiências de alfabetização era difícil, pelas condições existentes, de trabalho, nos acampamentos, que concentravam até 1500 pessoas, em sua maioria vindas do nordeste, e interessadas sobretudo em ganhar mais dinheiro com hs extras de trabalho, para enviar às famílias ou traze-las para Brasília.

A vida social dos operários que moravam nos acampamentos era muito limitada, em decorrência do ritmo de trabalho, muito cansativo e absorvente.

Entre 1961 e 1965 houve desativação do ritmo das obras e dos acampamentos, gerou-se sérios problemas sociais—desemprego,

"invasões", Firms e Governo pressionados por Sindicatos e organizações de esquerda, greves, etc. Só em 1965, com a retomada do "ritmo de Brasília", houve certa melhora na situação. Indicou o depoente nº 32 como capaz de dar informações, porque se interessava muito pelos operários.

---

DEPOIMENTO Nº 28

Deputado Federal. "Vivi aqui em Brasília no período da experiência. O método usado, de PF, não deu certo, não por causa do método, que é muito bom, mas por causa das pessoas que o aplicaram. Observei a experiência de longe, tenho muitos amigos que estavam envolvidos, tenho muito interesse. Se fôsse feita a alfabetização pura e simplesmente teria dado certo. O problema é que as pessoas que o aplicaram deram uma conotação de "extrema-esquerda". O método é bom porque usa figuras para ilustrar as palavras. Os aplicadores "comunistas" colocavam a população em risco porque queriam influenciar com a sua ideologia. Ensinavam: "O operário é oprimido, o patrão é opressor". Isto não podia dar certo por causa do radicalismo. A gente tem que esperar as coisas acontecerem com calma, com maturidade. Para o operário basta que o ensine a ler, que ele naturalmente se tornará de esquerda, é uma tendência natural, pois é ele que sofre.

Quando houve a revolução, que fui depor, perguntaram-me sobre a validade do método de PF. Declarei que o método é muito bom, ele tb., o que não foi bom foram as pessoas que aplicaram o método, porque estas queriam misturar alfabetização com política.

Aqui começou a experiência que se espalhou por muitas cidades satélites. O Brasil estava "como um ovo na colher", correr devagar para não cair. Havia muita euforia. As pessoas mais ligadas eram os estudantes. Tinha um amigo meu envolvido, ele era comunista. Eu nem sei por onde ele anda. Sei que aconselhava para que moderasse, que não precisava de exagero. Dizia a ele que o povo só precisava aprender a ler, e que o caminho dele ele mesmo traçaria. Ninguém faz caminho para ninguém. Mas eu também fiz política na juventude, acho que tem que deixar, não pode reprimir.

Não posso dar nomes de pessoas que estavam envolvidas porque não :

sou "dedo duro". Sei que foi feito um filme pela Agência Nacional para ser usado na Campanha, mas não me lembro exatamente do que se tratava-se era sobre alfabetização ou assistência social. O filme ia ser passado no Cine Cultura, esse filme deve estar hoje com a SECOM.

Acho que a pessoa mais indicada para dar informações é o pp PF, um intelectual honesto. Outra indicação é o MEC, lá deve haver alguma coisa registrada. Foi muito ligado ao Ministro Paulo de Tarso, houve uma época em que trabalhei com ela. Ajudei a fazer o filme a que me referi.

Estas coisas aconteceram rapidamente. Ao mesmo tempo que isto ia acontecendo já havia a conspiração para a revolução de 64. Apesar do método ser bom acabaram com tudo, a revolução não usa sutileza. ?

---

DEPOIMENTO Nº 30

Funcionária da SEC, informou não ter contato com a experiência. Soube que eram cedidas salas de escolas da Rede Oficial.

---

DEPOIMENTO Nº 29

Funcionária do MEC, chegou à Brasília na época. Não teve nenhum envolvimento direto. Lembra que havia entusiasmo em torno da experiência, inclusive por parte do Ministro. Inteessa-se em saber que disciplina é esta onde se discute PF, uma vez que, tendo feito o mestrado de Educação na UnB, em nenhuma disciplina teve esta oportunidade.

---

DEPOIMENTO Nº 31

Ex-chefe da Casa Civil da Presidência da República, conheceu a experiência, estaria disposto a dar depoimento ao grupo, mas como estava de partida para a Europa, isso só poderia acontecer após 15/12/80 (mora no Rio de Janeiro, o contato foi feito por telefone). Considera não poder acrescentar muito, porque suas atividades na época o absorviam muito. Pensa que o pp PF é a melhor fonte de informações.

---

DEPOIMENTO Nº 32

ex-funcionário do IPASE, agora responsável por uma coluna sobre diplomacia em jornal local. Não tem informações sobre a experiência, nem sobre índices de analfabetismo. Considera que seria difícil alfabetizar nos acampamentos, pois o pessoal tinha uma jornada grande de trabalho - por interesse pp, para ganhar mais dinheiro, e por pressão das Empresas e do Governo. Era preciso cumprir os prazos para a inauguração da cidade - se ela não fosse inaugurada na data prevista, não o seria mais. Considera que o período entre 61/64 foi "muito agitado" pelo pessoal de esquerda, que fazia movimentos e pressões descabidas.

DEPOENTE Nº 33

Funcionária do Senado Federal. Conheceu a experiência. Em duas ocasiões foi demitida de funções pedagógicas, na SEC e na UnB. Decidiu, por isso "esquecer a educação".

---

Depoimento Nº 34

Agente -administrativo da FEDF, agora aposentada. Não conheceu a experiência, a documentação existente acha que foi "destruída". Forneceu o histórico sobre o Esino Primário no DF, que escreveu (ver anexo 3). Indicou a depoente nº 43 como capacitada para dar informações.

---

DEPOIMENTO Nº 35-

Ex-professora da UnB, de onde saiu na crise de 1968, chegou à Brasília depois de 1964, por isso nada sabe da experiência.

---

DEPOIMENTO Nº 36

Filha de um dos principais pioneiros de Brasília. Ficou de fornecer dados, caso lembrasse de coisas importantes, o que não aconteceu.

---

DEPOIMENTO Nº 37

Funcionária do GDF, assistente social, trabalhou em Centros Sociais da FSS. Soube notícias, na época, da experiência, mas não a acompanhou de perto. Indicou a depoente nº 38

---

DEPOIMENTO Nº 38

Assistente social, aposentada, ex-chefe de Centro Social da FSS, onde se realizou experiência de alfabetização. Não lembra da experiência. Indicou o depoente nº 4

DEPOIMENTO Nº 39.

jornalista e escritor, radicado há muitos anos em Brasília. Não tem informações sobre a experiência.

---

DEPOIMENTO Nº 41

Ex-Diretor Executivo da Fundação de Serviço Social. No ano de 1963 prestava serviços no MEC, sem informações a dar. Indicou o depoente nº 4 (~~SANTOS~~) como capaz de fornecer informações.

---

DEPOIMENTO Nº 40

Proprietária de Imobiliária, há muitos anos em Brasília; não lembra da experiência. Se conseguisse reunir alguma informação contataria com o grupo, o que não aconteceu.

---

DEPOIMENTO Nº 43

Professora primária, dirigindo Departamento da FEDF na época da experiência. Disse nada ter a informar, apesar das várias indicações de seu nome por alguns depoentes

---

DEPOIMENTO Nº 42

Professor na UFRN - realizou em Frankfurt, Tese sobre o Trabalho de Paulo Freire no Brasil (ver Bibliografia), que encaminhou ao grupo através de uma colega do mestrado.

Informou que o restante do material sobre o assunto está na Alemha.

---

DEPOIMENTO Nº 44

Servidor da UnB. "Morava no Rio de Janeiro e vim para Brasília aos 41 anos de idade, com o deputado Antonio Guino.

No Rio fazia o Bumba-meu -boi e foi por este motivo que vim para Brasília, para fazer uma apresentação no dia 26 de abril, festejos do 1º aniversário de Brasília. Fui convidado a ficar em Brasília. Trabalhei numa granja e depois na SAB, onde não me dei bem. Vim para a UnB a convite do Dr. Darcy e é onde estou até hoje.

Particpei de um curso dado pelo Departamento de Extensão, na época dirigido pelo Dr Pompeu, e que foi coordenado por Maria Augusta Bezerra Furtado, hoje bibliotecária na UnB. Os professores de alfabetização eram o filho de Eudoro de Souza, chamado Jorge, Maria Augusta e mais duas funcionárias da Secretaria Geral de Cursos. Eram 5 turmas tendo uma média de 20 pessoas.

A revolução terminou o curso, mas eu já havia saído antes. Acabou o entendimento da UnB com a comunidade, houve outras determinações.

No curso eles davam cartilha, caderno e lápis. Acho que não tinha nada com o sistema PF. A idéia do curso foi por causa da fila do "Zé Dedo" - no dia do pagamento tinha a fila dos que assinavam o nome e a fila dos que para receber dinheiro botava o dedo. Em 1963 ouvi falar do sistema de PF. Fui convidado a botar no grupo do Bumba-meu-boi mas não aceitei. Tive medo de por em risco o grupo, porque havia comentário de que o sistema tinha comprometimento com os socialistas. Aqui tinha um aluno chamado Expedito que fez umas cartilhas que provocou um reboliço. No fundo era um rapaz bom que defendia a justiça social. "